

**ÁLVARO BOMÍLCAR NO ALMANACK CORUMBAENSE:  
O GRAFEMA Y: A ESPONTANEIDADE DA LÍNGUA**

*Eliane Santos Paulino* (UEMS)

[eli14santos@hotmail.com](mailto:eli14santos@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

É recente a inserção oficial do grafema Y no alfabeto português; no entanto, sua utilização no denominado período pseudoetimológico da língua portuguesa já era evidente. As publicações de Álvaro Bomílcar no *Almanack Corumbaense* (1898) comprovam tal uso. Um estudo sincrônico das recorrências, no citado período, por outros autores do *Almanack*, justificará a relevância do fenômeno à época. Somente a partir de uma atividade investigativa é possível desvendar o processo linguístico que envolveu tal período, daí a necessidade de embasar-se em Koerner (1996) e os princípios do “fazer historiográfico”. A pesquisa sociolinguística pretende registrar a falta de sistematização da língua, sob a ótica da liberdade ortográfica comum no referido *corpus*.

**Palavras-chave:** Período pseudoetimológico. Grafema y. Português brasileiro.

**1. Introdução**

Caracterizado como uma época de desordem, pedantismo e até “anarquia” na ortografia, o chamado período pseudoetimológico é marcado por peculiaridades que despertam curiosidade. A justificativa de Callou e Leite (2002) reforçam esse processo: “É na linguagem que se reflete a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, grau de escolaridade”.

Assim analisar a produção textual de Álvaro Bomílcar, no *Almanack Corumbaense* (1898), e estabelecer uma analogia com outros autores do mesmo *corpus*, reforçam o caráter de identificação com o processo linguístico em evidência.

Utilizando os princípios metodológicos de Koerner (1996) serão analisadas as relações contextuais e estabelecidas as práticas para uma comparação entre o soneto “Aída” (Arthur Benício e Adherbal Rosas) e um fragmento do *Livro Azul* de Álvaro Bomílcar. Tal apoio dar-se-á na metodologia oferecida pela historiografia linguística e nas referências históricas do próprio *corpus* e por se tratar do período pseudoetimológi-

co, Coutinho (2011) subsidiará as explicações gramaticais no citado processo linguístico.

Sobre o período, vale destacar a pretensão de transformar e escrita com base etimológica, ação negada e explicada pela expressão “pseudo” que conforme Nunes (1960, p. 16): “por este processo recuavam-se bastantes séculos, fazendo ressurgir o que era remoto, e punha-se de lado a história do nosso idioma”.

Tal estudo explorará as inúmeras justificativas para a recorrência do grafema *y* no citado período e, à luz da história da gramática, reforçará conceitos. Desse modo, a fixação ortográfica descrita e assimilada pelo *corpus* em questão garante ao evento um registro documental que permite revelar o percurso histórico da linguagem e sua contribuição à linguística.

## **2. O Almanack Corumbaense**

Com edição do historiador e geógrafo Ricardo D'Elia e redação dos jornalistas Pedro Trony e Álvaro Bomfílcar, ao estilo almanaque da época, o periódico apresenta propagandas, charadas, calendário, piadas, produções literárias, atividades econômicas e informações sobre a cidade.

O contexto é o município, então “Mattogrossense” de Corumbá, descrita no *Almanack* como “principal cidade de Matto-Grosso” e detentora de “excellente instituição instrutiva: o Gabinete de Leitura Corumbaense, onde se encontram inumeros tratados scientificos e grande subsidio literário” (p. XIV).

A valorização da produção literária é anunciada também na “ligeira estatística”, com “3 typographias. Os autores da citada publicação esclarecem que foi uma “luminosa idéa de apresentar ao publico do Brazil, uma publicação de propaganda tão necessaria e tão util” (p. XV).

Sobre a influência do ambiente, Callou e Leite (2002, p. 12) esclarecem que a ideia de “unidade na diversidade e diversidade na unidade é o ponto central da questão sobre o português do Brasil”; com isso, destacar o município corumbaense, em seu domínio territorial e contexto sociocultural, é esclarecer como as dimensões geográficas surtiram efeito no plano linguístico a ser estudado, evidenciando suas marcas no *Almanack Corumbaense*.

Quanto à temporalidade, o ano é 1898, dezembro: sendo a publi-

cação destinada ao ano seguinte: 1899. Conforme nota do editor, o periódico devia ter sido apresentado “há mais tempo”, dada a relevância da cidade à época mencionada. No Expediente, são relatadas as dificuldades para tal edição: “a exiguidade de tempo, a imperfeição das nossas oficinas, ainda pequenas e sem aparelhos precisos (...) primeira vez a braços com semelhante obra” (p. 99), o que evidencia o caráter inovador da publicação.

### **3. Bomílcar, Arthur Benício e Adherbal Rosas no corpus**

O *Almanack Corumbaense* funcionará como um conjunto significativo documental de variantes linguísticas e servirá de base para o desenvolvimento do estudo. Dele, serão analisados o soneto “Aída” de Arthur Benício e Adherbal Rosas e o fragmento “Cores” de Álvaro Bomílcar, ambos na página 4 do citado periódico. (Vide **Fig. 1**)

A utilização reforça o princípio da imanência, ou seja: documentos históricos que sirvam de suporte para o estudo da língua e seus fenômenos, para, posteriormente, chegar ao processo crítico e, conseqüente, entendimento. (KOERNER, 1996, p. 60)

Com contribuição significativa no *Almanack*, Bomílcar destaca-se como colaborador citado por Ricardo D’Elia, o editor, assim descrito: “De coração agradeço aos Srs. Pedro Trony e Álvaro Bomílcar o concurso hábil que me prestaram redigindo-o”. De Arthur Benício são duas produções e Adherbal Rosas participou com seis publicações, com destaque às charadas.

Sobre Bomílcar há muito a destacar, o autor é referência em movimentos posteriores a sua passagem por Corumbá. Dentre as inúmeras participações, destaca-se sua importância na revista *Gil Blás* (1920), em que lança sua proposta nativista descrita nos “Mandamentos do Patriota Brasileiro”, *apud* Oliveira (1990, p. 155): “12 – Falar e escrever em língua brasileira, isto é, em português modificado pelos brasileirismos e locuções da numerosa população brasileira já incorporados ao nosso patriotismo linguístico”.

Quanto a publicações ou referências aos outros autores, até esse estudo, não há evidências documentais que possam destacar posteriores contribuições. Tal evento pode ser justificado pela descontinuidade de *Almanack* como periódico, limitado a uma única edição.

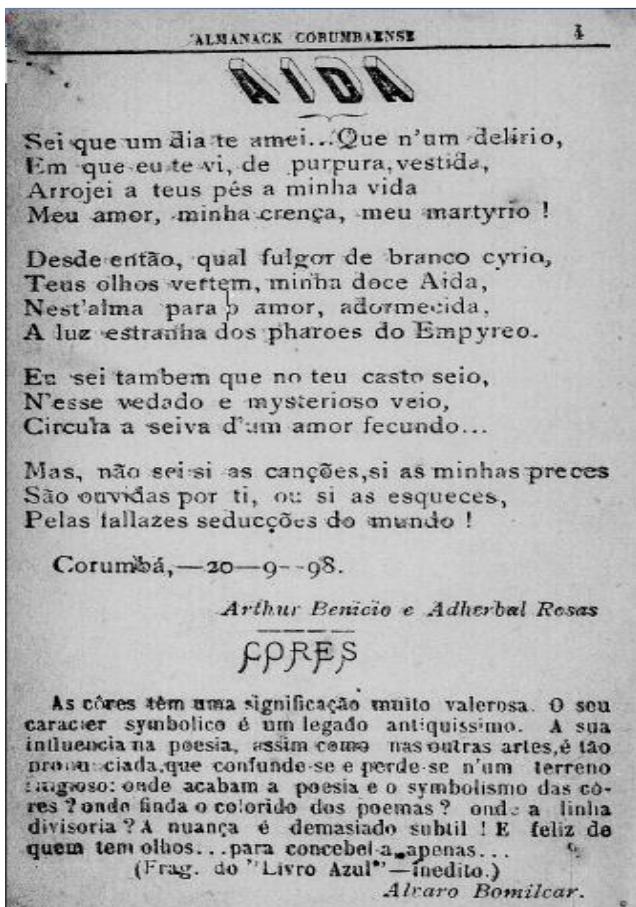


Fig.1 – Fonte: *Almanack Corumbaense* (1898)

Coutinho (2001, p. 76), sobre o período da edição do periódico pseudoetmológico, destaca: “Tão grande foi esse influxo que não só os vocábulos novos entram para o nosso léxico com aspecto gráfico alatinado, mas também os que já tinham forma vulgares sofrem o travestimento etmológico”.

Embora de estruturas e gêneros distintos, as produções remetem à utilização de um mesmo procedimento linguístico, comum a muitas do periódico, o uso do grafema y, sem aparente critério. É importante ressaltar os inúmeros estudos sobre tal processo e a relevante contribuição à

história da gramática. Tal procedimento é justificado em Callou & Leite (2002, p. 7):

A linguagem também oferece pistas que permitem dizer se o locutor é homem ou mulher, se é jovem ou idoso, se tem curso primário, universitário ou se é iletrado. E, por ser parâmetro que permite classificar o indivíduo de acordo com sua nacionalidade e naturalidade.

Assim, explicar o citado fenômeno linguístico implica, pois, perceber a semelhança na linguagem e reforçar que o conceito de “naturalidade” descrito é um fenômeno linguístico comum ao contato da língua com o ambiente.

#### **4. O uso do grafema y no período pseudoetmológico: muitas respostas**

Partindo do princípio da contextualização que se refere ao “clima de opinião” do período em estudo (KOERNER, 1996, p. 60), é importante observar as referências linguísticas, cabendo destacar algumas contribuições.

São inúmeros os questionamentos sobre o uso do grafema y em um período em que foneticamente já existia um fonema vocálico, representado pela vogal i, para tal intento. Coutinho (2011, p. 76) é um dos questionadores. Dentre as ocorrências exemplificadas pelo autor como “disparates gráficos” encontram-se: “Collyseu”, “enygma” e “sátyra”:

Se o objetivo de qualquer sistema gráfico é representar as palavras, ajustando-se a elas do mesmo modo que a indumentária do corpo, como explicar a presença de tantos símbolos inúteis, que tiram ao idioma escrito a simplicidade primitiva, dando-lhe um ar postiço de afetação?

Na busca por uma explicação de caráter histórico, surgem referências ao Renascimento e ao suposto culto dos humanistas à cultura clássica. Em tal período, o latim recebeu admiração expressiva pelos escritores. Coutinho (2011, p. 77) ao citar o foneticista Gonçalves Viana reproduz seu pensamento:

Estou de fato há muito convencido, e várias vezes o tenho dito pela imprensa, de que a denominada ortografia etimológica é uma superstição herdada, um erro científico, filho do pedantismo que na época da ressurreição dos estudos clássicos, a que se chamou Renascimento, assoberbou os deslumbrados adoradores da antiguidade clássica e das letras romanas e gregas, e pôde vingar, porque a leitura e a conseqüente instrução de classes pensadoras e dirigentes só eram possíveis a pequeno círculo de pessoas, cujos ditames se aceitavam quase sem protesto.

Portanto, a justificativa de “aceitação” entre os pares torna possível a utilização do grafema y, em um mesmo periódico por autores distintos. Sobre tal dinâmica na língua, cabe destacar a ideia de adesão proposta por Silva Neto (1968, p. 18):

A língua é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega. Não está obrigada a prosseguir na sua trajetória, de acordo com leis determinadas, porque as línguas seguem o destino dos que as falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam.

Há ainda, quem considere tal uso como “pedantismo” ou “ignorância”, conforme salienta Nunes (1960, p. 196):

Acresce que, por um lado, o pedantismo, por outro, a ignorância, contribuíam ainda mais para a desordem ortográfica aquele não tendo outro norte e guia que não fosse o latim e grego, esta, por uma suposta analogia com outras palavras, escrevendo incorretamente vocábulos procedentes daquelas duas línguas (*lytographia*, por causa de *typographia*) e outros que não tinham tal origem (*typoia*). Por este processo recuavam-se bastantes séculos, fazendo ressurgir o que era remoto, e punha-se de lado a história do nosso idioma, representada na maneira como antes se escrevia em harmonia com a pronúncia, na qual se achavam englobadas as transformações por que os sons tinham passado através inúmeras gerações, até tomarem os que possuíam ao tempo e depois que a língua começou de escrever-se.

Consoante à ideia descrita, Ribeiro (2001) destaca que houve “pretenciosismo aliado a uma certa ignorância” que motivou o uso do y em muitos vocábulos. Em Arthur Benício e Adherbal Rosas há emprego em “martyrio”, cyrio”, “Empyreó” e “mysterioso”; Em Bolmícar, menos recorrentes: “symbolico” e “symbolismo”.

Gonçalves (1992, p. 68) prefere tratar a recorrência do y como analogia a palavras de origem grega, latina e inglesa; justificando a falta de uma regra para tal propósito.

Viu-se, portanto, que não há uma justificativa única para o uso do grafema y de forma não sistematizada no período pseudoetimológico da língua portuguesa. Porém a aparente miscelânea de ideias reflete o caráter dinâmico da língua, aqui denotados por suas variantes lexicais.

## 5. Conclusão

“Ar postico”, “pedantismo”, “ignorância”, “pretenciosismo”, “anarquia”: independente das concepções apresentadas, a utilização do

grafema y no *Almanack Corumbaense* demonstra o caráter especulativo que o estudo exige, cabendo, pois, ressaltar a contribuição significativa do estudo do corpus em seu processo linguístico.

Diante de um estudo atrativo pela curiosidade, resta perceber a oportunidade de inteirar-se sobre um processo de formação da língua em contexto, até então pouco evidenciado, e, participar de uma descoberta, de cunho histórico, que gerará expressiva contribuição à sociolinguística.

Ademais, ampliar contextos na busca pela ênfase ao citado período e seu caráter precursor é essencial. Afinal, mesmo com a restrição documental de 1989, foi possível estabelecer convenções que, certamente, exigem aprofundamentos posteriores, no sentido de revelar Álvaro Bomfílcar ao universo da sociolinguística.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*ALMANACK Corumbaense*. Corumba: Typ. Italiana, 1898.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

GONÇALVES, Maria Filomena. *Para uma história da ortografia portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, 1996.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2000.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1960.

OLIVEIRA, Lúci Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RIBEIRO, Guilherme, *Apointamento sobre a história da evolução da língua*. Disponível em: <[http://esjmlima.prof2000.pt/hist evol lingua](http://esjmlima.prof2000.pt/hist%20evol%20lingua)>. Acesso em: 31-10-2014.

RIBEIRO, Júlio. *Grammatica Portuguesa*. São Paulo: Jorge Seckler,

1881.

SILVA NETO, Serafim da Silva. *Capítulos da história da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

VIANA, A. R. G. *Ortografia nacional: simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas*. Lisboa: Viúva Tavares Cardoso, 1904.